
08. É NO CHÃO DA PRAÇA: ATIVISMOS POLÍTICOS E ESPAÇO PÚBLICO NA PRAÇA DA CRUZ GRANDE/JUVENTUDE – SERRINHA/FORTALEZA

Maria Aparecida dos Santos¹

Introdução

A Praça da Cruz Grande na Serrinha é um marco referencial de concentração de movimentos sociais de juventude das periferias. Em junho de 2013, foi ponto de partida de uma manifestação das “Jornadas de Junho” rumo ao Castelão, no protesto contra os gastos realizados para a Copa das Confederações e desapropriações de famílias, em razão da construção do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos). Nessa ocasião, moradores sofreram violência policial e invasão ilegal de domicílio por policiais militares. Logo após o episódio, houve um “tribunal popular da juventude” para debater os fatos ocorridos durante o evento e uma audiência pública, ambos ocorridos na Praça, com a participação de moradores, lideranças locais e advogados populares do Escritório Frei Tito, de defesa dos direitos humanos da Assembleia Legislativa do Estado.

A criminalização e extermínio da juventude pobre da Serrinha é um dos temas de debate mais recorrentes na comunidade, inclusive muitos dos coletivos que frequentam e atuam na Praça têm forte vinculação com a “Caravana da Periferia”², frente de movimentos sociais organizados, partidos, ativistas e coletivos político-culturais reunidos com o fito de chamar atenção para a temática da violência sofrida pelos segmentos juvenis em razão do tráfico de drogas e armas que está fortemente incrustado na região. Campanhas pelo direito à cidade, ao lazer, à cultura, à educação de qualidade e à profissionalização fazem parte do repertório de reivindicações da Frente. Há também um esforço em promover atividades

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará – UFC. Orientação do professor Irapuan Peixoto Lima Filho. aparecidas76@hotmail.com.

² A Caravana da periferia é uma frente que articula redes de diversos movimentos sociais, partidos políticos, ativismos e coletivos, com a intensão de mobilizar a cidade com o objetivo de discutir a violência e criminalização das juventudes negras e pobres. A sua principal tática organizativa é o núcleo por bairro, visando as especificidades locais da ação do Estado e as demandas por políticas públicas de um modo geral. Em Fortaleza, foi criada desde meados de 2011 e já conta com núcleos nos bairros da Serrinha, Barroso e Parque Água Fria.

.....

sistemáticas na Praça e debater o papel das mídias no reforço da imagem negativa sobre o bairro, a redução da maioria penal, a desmilitarização da polícia, a afirmação da negritude e o combate ao crack, como também, a promoção de saraus, marchas, caminhadas, oficinas de formação política, festivais de música, rodas de break, capoeira, quadras do funk e audiências públicas, além do ciberativismo nas redes sociais. A crítica sistemática à retração do Estado em relação à área e o discurso da desintegração do espaço público, em razão da violência difusa e do medo de andar nas ruas, becos e vielas do bairro, fez com que houvesse um investimento discursivo e ativo depois da reforma da sua estrutura e inauguração da Praça da Juventude³ em 2012, antes só Praça da Cruz Grande.

A Praça da Cruz Grande na Serrinha é circundada espacialmente por quatro favelas, com seus becos e vielas: a do Garibaldi, da Rampa, da Serraria e da TM (Turma do Mal), territórios praticamente blindados por traficantes de varejo, que vez por outra, travam “guerra” entre si e “fecham” a passagem para transeuntes incautos, outsiders e policiais, tempo de crise e de sobressalto não só para os locais como para os frequentadores que como eu, não estava acostumada com a visão de “baculejos”⁴, perseguições policiais e prisões violentas. Há, portanto, silenciamento sobre o que está acontecendo e o arrefecimento da vida na Praça. Além de serem estigmatizados pelos programas sensacionalistas como “Barra Pesada” e “Cidade 190”, constroem “guetos” para guardar uma esfera de ação reservada da ação cotidiana. A favela se configura então, como “território exterior” e os traficantes, “inimigos internos”. Dessa forma, como em uma metonímia, o território é representado, discursivamente e de forma mitificada para a cidade como aquela parte violenta que sobrepuja a vida corrente no bairro.

Redes de agentes e organizações vêm se mobilizando nesse território, desde meados da década de 1990, buscando identificações comuns e a ocupação do espaço público, como forma de construir uma “cultura da periferia” (LANDIM, 2013, p. 69) e mediar politicamente, um conjunto de expressões comunicacionais e artísticas, no sentido de aglutinar forças para resistir simbolicamente à invisibilidade e à criminalização da pobreza.

Na Praça da Cruz Grande/Juventude há dois blocos atuantes de ativismos políticos e culturais. O primeiro representado pelo MH2O (Movimento Hip Hop Organizado), HGO (Hip

³ Há uma disputa pelo nome da Praça. Cada um dos dois blocos de movimentos sócio-culturais atuantes nesse espaço específico, a denomina de determinada forma. O grupo mais vinculado ao PT, ao Levante da Juventude, à Consulta Popular, de Praça da Juventude e outro grupo, vinculado ao PSTU, MTST, Caravana da Periferia, anarquistas, preferem manter a denominação tradicional.

⁴ Revista policial violenta, geralmente dirigida aos jovens negros moradores das periferias das grandes cidades.

Hop Gospel), Consulta Popular e Levante⁵ Popular da Juventude⁶ que estão estreitamente vinculados ao PT e são denominados de “governistas” pelo outro bloco “mais à esquerda”, “de oposição”, representado pela Caravana da Periferia, MTST (Movimento dos Sem Teto), Movimento Cultural Ensaio Rock e Movimento “Ocupe UECE”. O primeiro bloco trabalha as expressões musicais do reggae, da swingueira, do funk e do rap e há a marca mais intensa dos eventos celebrativos. Reiteradamente se autodenominam “pacificadores da Praça”, via “poder popular”, enquanto o segundo bloco trabalha com rock, MPB e ritmos regionais em seus eventos e busca um tom mais denunciativo e busca a “ocupação” de todos os espaços públicos do bairro e da cidade, principalmente, praças, ruas, escolas e universidades.

Há nítidos afastamentos, conflitos e desentendimentos entre os dois blocos, tanto acerca do modo de conceber e executar o trabalho político, quanto às formas de viver e estar no mundo. O que há de comum entre os dois blocos? As expressões culturais, de um modo geral são instrumentos da atividade política. São formas mais pedagógicas de aproximação com o público jovem, são caminhos de comunicação mais direta com outros iguais. Forma de compartilhar a vida jovem nas periferias. Outra coisa em comum é o trabalho social com a juventude, a elaboração de um discurso contra o extermínio da população jovem local e a afirmação simbólica da periferia.

Não podemos negar as diferenças de capital cultural, econômico e simbólico entre os dois grupos. Embora, tais segmentos de juventude sejam basicamente pertencentes a extratos populacionais pobres, há gradações nas posições sociais e isso rebate na elaboração do debate e no público congregado em torno dos blocos de atuação política e cultural. No entanto, ambos os grupos assumem discursos e promovem práticas desdobradas no tempo e vários espaços da cidade, forjando uma rede tecida com muito esforço, diuturnamente, em performances públicas, aparições com conteúdos reiterados e desbravamentos espaciais, como a ocupação de outros lugares além da Praça, como escolas do bairro, CUCA's⁷, CRAS⁸ e UECE (Universidade Estadual do Ceará). Esses lugares se configuram como pontos de

⁵ O Levante Popular da Juventude é uma organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade, vinculada ao “Projeto Democrático Popular e “animada” pelo PT (Partido dos Trabalhadores).

⁶ Junto com o Levante Popular da Juventude e a Consulta Popular, o MH2O e o HGO lançaram o Manifesto contra a violência e estão construindo uma rede: a REAJA.

⁷ Centro urbano de arte e cultura criado na gestão petista (2004 – 2012) na Barra do Ceará, Jangurussu e Mondubim, voltado para a população jovem das periferias.

⁸ Centro de Referência da Assistência Social. Organiza a proteção social básica, tendo como públicos, populações socialmente vulneráveis.

encontro e unificação dos grupos de jovens ativistas da Praça. Há um componente decisivo na atuação dos grupos: o reconhecimento social da arte-educação como forma eficaz de trabalho social com as juventudes. Esse é um trabalho cimentado no tempo: duas décadas de um trabalho subterrâneo, nas ruas, becos, vielas, praças, rotatórias, no espaço encontrado, no tempo corrido, na forma artesanal.

Buscam resgatar as juventudes dos riscos da adesão ao crime, construindo o local da Praça como território pacificado e “região moral” (ROCHA, 2013), constituindo-se como coletivo reunido em um território específico e que possui uma moralidade própria, combatendo sociabilidades precárias e disputando a imagem do bairro, para que não se mantenha “como espaço que não é cidade” (ROCHA, 2013). Trabalham com as possibilidades de apresentação no espaço social disponíveis, com atuações focais, para alcançar o público jovem do próprio bairro e de outros territórios periféricos da cidade. Nesse trabalho de diferenciação social, fazem a intervenção no debate a respeito da segurança pública, nas marchas, cortejos, rodas de conversa, cursos de formação política, eventos artísticos, a fim de mobilizar e fortalecer a ação coletiva e buscar parcerias com atores da política institucional, como a reitoria da UECE e a secretaria municipal de juventude. Apresentam demandas através dos canais institucionais, mas na maioria das vezes, são incapazes de realizar a necessária articulação política e mediação para lograr êxito nas tentativas.

A atuação limitada das lideranças depende das dinâmicas políticas de cada período histórico, dependendo das gestões municipais do momento e da intermediação pelo acesso aos bens públicos. Assim, há um “campo de estratégias de ação possíveis” (ROCHA, 2013), já que a interlocução com o poder público é quase vedada. Os formatos da ação pública são mais de denúncia, mesmo que tenham tons reivindicativos. Há conflitos e tensões entre as representações locais juvenis pela forma de encaminhamento das atividades na Praça da Cruz Grande/Juventude e em razão das filiações ou aproximações político-partidárias dos ativistas.

Os ativistas investem na intensa circulação social pela cidade, buscando reconhecimento da sua atividade militante. Utilizam as redes sociais como plataforma para defender/divulgar valores morais ou apelos ético-políticos, ancorados nas situações concretas do cotidiano. No entanto, há muitas diferenças existenciais e morais, mesmo que nas suas trajetórias pelo bairro tenham articulado lutas em comum. A contestação cultural faz parte do repertório político dos grupos que disputam o espaço da Praça, buscando engendrar uma “face

disruptiva-expressiva” (ROCHA, 2013). São organizações que buscam mais a ação direta e reivindicativa, do que mesmo a articulação com representações políticas. Estão à margem do Estado, do mercado e dos processos culturais considerados hegemônicos, o que dá a ação coletiva, uma forma subterrânea, intersticial, quase invisível.

Para AGIER (2011), as cidades são lugares estratégicos para pensar a cultura em termos de uma organização da diversidade da complexidade cultural. Dessa forma, orientar o olhar não apenas sobre o que se perde nos espaços da “não cidade”, mas também sobre o que aí nasce. Quais são as possibilidades do agir urbano? Quais são os espaços de cultura política engendrados na cidade? Quais as potencialidades da Praça da Cruz Grande/Juventude como lugar público? Quais as performances estéticas e éticas que potencializam modos de comunicação partilhados pelo público frequentador da Praça? Quais são as relações, memórias e processos de identificação presentes? Quais são as situações rituais que tem lugar nesse espaço delimitado e apropriado pelos ativistas como práticas singulares da praça?

Um lugar de forte densidade cultural, um espaço de contatos estreitos, trocas simbólicas e sociais, a Praça pode ser considerada como “lugar de deslocamento da atividade propriamente ritual para uma criação artística, fazendo surgir as ‘artes de rua’ (AGIER, 2011). Aos usos tradicionais da Praça (uso cotidiano), são criados outras individualizações do território por distintos grupos sociais, com seus rituais lúdicos, estéticos, de entretenimento. Ao lado de uma possibilidade de memória coletiva sobre o lugar, tem-se manifestações artísticas e políticas que dinamizam as várias formas de inserção e fazem convergir novos sentidos para as relações socioculturais. Dessa forma, a Praça emerge como marco de referência, como campo de comunicação e como microcosmo onde pululam referências de outros espaços e tempos.

A escrita do lugar no cotidiano, o reconhecimento da Praça pelos moradores do seu entorno, a busca por experiências coletivas significativas são as formas como os grupos locais efetivamente ocupam e se identificam com a cidade através de um fragmento de território. Fazer acontecer a Praça, significa delimitar uma fronteira, onde tudo pode acontecer, inclusive diálogos culturais entre grupos sociais diferenciados, com interesses e pertencimentos existenciais diversos. Esse lugar que proporciona a base para a construção de narrativas coletivas, não é só uma paisagem de poder, mas, de histórias e de reconhecimento recíproco.

1. Quem cuida de nós somos nós mesmos: o trabalho de base do MH2O na Serrinha

“No local certo, na hora certa”. A “posse”⁹ Nordeste Hip Hop - MH2O na Serrinha afirma ter canalizado informação e pressão para brigar e convencer a Coordenadoria da Juventude da gestão “Fortaleza Bela” (Luizianne Lins do PT), a encampar o projeto de reforma da Praça da Cruz Grande¹⁰ que se transformaria na Praça da Juventude¹¹ em abril de 2012. Havia a mediação também do então vereador na época, Eudes Xavier (PT), para que a Serrinha, dentre tantos bairros das periferias que ostentam números crescentes de violência contra jovens¹², fosse o espaço selecionado para abrigar uma das quatro praças a serem construídas, além das Praças projetadas para o Bom Sucesso, Granja Portugal e Dendê. “Estar lá dentro serviu para mostrar a extrema necessidade do debate para o empoderamento dos jovens da Serrinha. Foi uma disputa de sonhadores” (integrante do MH2O na Serrinha). Na perspectiva simmeliana, a praça seria o “ponto de rotação, o centro visível da consciência de um pertencimento” (SIMMEL, 2013, p. 11), antigo, mas, que renascia com a reforma da Praça.

A importância da presença do MH2O na Serrinha, o reconhecimento do trabalho de base com certo segmento das juventudes locais há quase duas décadas (desde meados dos anos 1990), fez com que não só os seus integrantes passassem a compor a equipe da Coordenadoria Municipal da Juventude como educadores sociais, como a própria Praça da Juventude, ao longo de 2012, serviu como vitrine em ano eleitoral para a administração municipal, palco de comícios e inúmeras atividades patrocinadas pelas diversas secretarias,

⁹ A posse é uma forma de organização que exerce uma ação pedagógica, através das atividades do hip-hop, sendo os instrumentos utilizados pelos jovens para pleitear direitos, atingir objetivos e intervir nas relações sociais. Além disso, elas se desenvolvem em um dado território de referência nas periferias das metrópoles.

¹⁰ Há uma disputa pelo nome da Praça. Cada um dos dois blocos de movimentos sócio-culturais a denomina de determinada forma. O grupo mais vinculado ao PT e à Consulta Popular, de Praça da Juventude e outro grupo, vinculado ao PSTU, MTST, Caravana da Periferia, anarquistas, preferem manter a denominação tradicional.

¹¹ A “**Praça da Juventude**” é um projeto destinado a comunidades situadas em espaços urbanos com reduzido ou nenhum acesso a equipamentos públicos de esporte e lazer que alia saúde, bem-estar e qualidade de vida a atividades sócio-educativas diversificadas, constituindo-se em um espaço de convivência comunitária. Na prática, uma área de, no mínimo, sete mil m² com ginásio poliesportivo, anfiteatro, vestiários, quadra de areia e equipamentos de ginástica. Concebido pelo Ministério do Esporte, é implementado com governos estaduais e municipais. Em Fortaleza, foram entregues 4 Praças da Juventude: a da Serrinha, Granja Portugal, Dendê e Bom Sucesso.

¹² Segundo o Mapa da Violência de 2013, publicado pela Secretaria de Juventude vinculada à Presidência da República, Fortaleza aparece como a capital em oitavo lugar no ranking dos homicídios contra jovens em 2011, com crescimento de 160% em relação ao ano de 2010.

como a comemoração de datas festivas, “Quarta Cultural LGBT”¹³, shows de humor, festas e campanhas educativas.

No estatuto da “escola” da posse do MH2O na Serrinha há a proibição explícita de seus quadros de andarem armados e de se envolverem com o mundo do crime, especialmente com o tráfico de drogas. Há também restrições ao uso de substâncias entorpecentes lícitas ou ilícitas (a moderação é permitida, no caso da maconha e de bebidas alcoólicas). Foi uma das formas encontradas para trabalhar o exemplo para o público alvo das ações do Movimento e promover um debate “ideológico” sobre a “autodestruição” da juventude local. A primeira geração hip hop¹⁴ da Serrinha (que hoje tem em média 30 anos) é considerada como escola de educadores sociais com referência na comunidade. De acordo com depoimento de Babau (Rogério Oliveira), liderança do MH2O, em entrevista gravada, diz que os primeiros integrantes do Movimento, tiveram formação política iniciada ainda no ensino fundamental nos anos 1990, com professores vinculados ao Partido dos Trabalhadores e à trajetória no mundo hip hop. Vale salientar, porém, que praticamente todas as lideranças dos movimentos sociais juvenis da Serrinha participavam de gangues locais nesse período e saíram do “mundo do crime” para o trabalho “invisível” nas madrugadas das ruas do bairro.

O MH2O nasce no meio de uma conjuntura favorável (final de 80), muita luta social, movimento estudantil muito forte, surgimento das gangues, muita violência. Nós já trazemos esse viés socialista, nossa formação é marxista leninista, tem todo esse conteúdo de luta de classe (depoimento de Babau, Rogério Oliveira, MH2O em junho de 2012).

Salientam que a “vida das gangues” nunca esteve dissociada do “mundo da escola” e que a formação intensa, “pesada” na trajetória do MH2O fez com que algumas lideranças sobreviventes das guerras nas últimas décadas¹⁵, fossem reconhecidos pelo poder público como tendo um “know how” específico, o que garantiu visibilidade ao Movimento, certa “locução pública relevante” (FELTRAN, 2011, p. 43), o que possibilitou a presença de alguns ativistas nos espaços institucionais.

Segundo os movimentos locais, muitos jovens do bairro são assassinados mensalmente seja pela polícia, traficantes ou outros jovens companheiros do “mundo do

¹³ Atividade constante do calendário da Coordenadoria de Direitos Humanos da Prefeitura Municipal de Fortaleza na Gestão Luizianne Lins para a promoção da visibilidade do segmento LGBT na cidade.

¹⁴ Eles se consideram “a primeira geração de malandros da Serrinha”. Afirmam que estão trabalhando a formação de uma nova geração “que é bem menos politizada” e “está mais ligada à expressão artística do hip hop do que à formação política”.

¹⁵ Algumas lideranças do MH2O fizeram o caminho inverso: do movimento para o mundo do crime. Outros foram “tragados pelo Crack” e não se refizeram mais.

crime”. Já é discurso corrente no lugar de que um “envolvido” nesse mundo, não sobrevive 3 anos na “vida loka”¹⁶. Eles dizem:

“há uma evolução violenta das ruas. As mortes são cada vez mais cruéis. O crack é demonizado, mas a bola da vez é a cocaína que se disseminou. As mães entregam a Deus e os militantes silenciam. O que não se pode perder é o viés das ruas como construção coletiva” (depoimento de Babau, Rogério Oliveira do MH2O).

A praça tem funcionado como “lugar de trabalho, de formação, espaço público que organiza a comunidade, de negócios, de entretenimento, ou seja, é uma praça de qualidade” (Integrante do MH2O). Vale salientar que os diversos movimentos sociais atuantes na Praça não tem sede própria e a Praça vem servindo como lócus de reunião, rodas de conversas e audiências públicas. Houve também, em fevereiro de 2012, a criação de um Conselho Gestor da Praça que foi um marco de referência para as outras Praças da Juventude na cidade.

O Conselho Gestor teve como função principal regular os “usos e abusos” da Praça. Nas palavras de um dos conselheiros: “temos que gerenciar a Praça para além da Praça”, para que essa fosse marco de referência da imagem social do bairro. Os conselheiros (30 lideranças masculinas do bairro) em sua grande maioria, não estavam vinculados a nenhum partido político ou teria tido acesso a algum tipo de formação política. Mesmo assim, visualizamos a presença de alguns movimentos sociais e coletivos locais: Proparque (Lagoa da Itaperaoba), MH2O (Movimento Hip Hop Organizado), HGO (Hip Hop Gospel), Caravana da Periferia, Movimento Cultural Ensaio Rock e Movimento Cultural Flor de Cacto. Esporadicamente, integrantes do Levante Popular da Juventude e Consulta Popular apareciam nas reuniões às segundas feiras à noite. O caráter desse tipo de sociação depende para SIMMEL (2013), “da definição formal, em grande medida, da frequência com que seus membros se reúnem em um círculo localmente limitado” (p. 109).

Esse conselho se dividia em comissões autogestionárias: Educação e Meio Ambiente, Arte e Cultura, Esportes e Finanças. Todas tendo como objetivos principais, fomentar atividades para a Praça, administrá-la e regular os conflitos e dissensos em relação ao seu uso. A partir da frequência a suas reuniões, sempre tensas, mas produtivas, é que pude perceber a demanda por lazer, cultura e esporte na comunidade, especialmente pelos jovens (o conselho também é formado majoritariamente por eles ou por lideranças ligadas a movimentos organizados da juventude) e a ocupação intensa da Praça, até muito tarde, mesmo por

¹⁶ “Vida loka” é um rap do grupo “Racionais MC” e uma designação para uma vida sem regras, sem limites, cheia de aventuras e perigos, muitas vezes vivida no mundo do crime.

crianças, idosos e mulheres. O que antes era considerado perigoso, intransitável, se configurava como espaço do encontro e da permanência. Aos poucos, o imaginário local se metamorfoseava e as pessoas passavam a ocupar o espaço da Praça.

Havia uma disputa na agenda ou cronograma de suas atividades, pelo espaço do anfiteatro, da quadra de areia, da quadra poliesportiva e do entorno. Todos a querem ocupar, seja com cultos, shows, saraus, rodas de break, capoeira, campeonatos esportivos, festivais de rock, radiolas do reggae, fabricação e venda de artesanatos e outros produtos, ou mesmo para uso cotidiano, a exemplo da disputa de skate, dos passeios de bicicleta e do jogar carimba (queimada).

A pauta das reuniões do conselho gestor girava em torno dessa agenda, da manutenção e reparação dos equipamentos e materiais utilizados, da regulação da frequência dos vestiários pelas equipes esportivas, das formas de financiamento do próprio conselho, da proibição de tráfego de motos pelo lugar, de venda de bebida alcoólica, da proliferação do comércio ali, de equipamentos de entretenimento (pulas-pulas e motoquinhas), bem como, da relação com o poder público e a autonomia gerencial e política do conselho.

No tempo das eleições municipais de 2012, também houve um discurso de precaução sobre a possibilidade de possíveis candidatos a vereador(a) e prefeito se apropriarem do espaço da Praça e do Conselho como palanque, já que havia aí, um lugar de visibilidade e destaque para quem se movimenta localmente. Assim, é que o conselho gestor da Praça da Juventude (Cruz Grande) atuava como não só como regulador dos conflitos pelo uso da mesma, mas, como lugar de elaboração de um “código de ética” para a coletividade que faz uso do espaço.

Os conselheiros discutiam intensamente sobre a necessidade de mudança da construção da imagem histórica da Praça e dos jovens que a frequentam. Esse debate ocasionou campanhas e conduziu as atividades das comissões de Arte e Cultura/Educação e Meio Ambiente. A intenção era mostrar que a praça era local de limpeza (preocupação com o lixo produzido ali), criatividade e ordem social. Jovens locais foram punidos (sancionados) publicamente depois que picharam os muros dos vestiários (os mesmos tendo que realizar a limpeza local). Nesse sentido, percebemos segundo GOFFMAN (2012), a heterogeneidade da vida pública e a função normativa que controlam os espaços públicos.

A partir de 2013, com a eleição do candidato Roberto Cláudio (PDT) e o fim da gestão petista municipal, o diálogo do Conselho, das lideranças locais com a nova gestão não

se concretizou, o que tem sido um fator de desmobilização dos conselheiros e arrefecimento de atividades até então existentes na Praça, fomentadas pela Prefeitura Municipal. A limpeza e a manutenção da Praça também deixaram de serem realizadas, mesmo com a expedição de ofícios e as várias solicitações de reparos à Secretaria Regional IV. Grades, alambrados e materiais esportivos uma vez danificados ficam sem reparos e reposição. Ultimamente, com a inutilização das tabelas de basquete foi feito um bingo e cotização para a aquisição de um novo material. Esses “bloqueios seletivos no acesso à legitimidade pública” (FELTRAN, 2011, p. 26) solapam de certa forma, a potência dos movimentos sociais, já que a inexistência de canais responsivos das demandas coletivas de certa localidade trava o processo de vitalidade dos espaços públicos.

Esse modo de apropriação do espaço e dos recursos coletivos se propõe a expor uma certa política de abandono: ao mesmo tempo em que se torna ativa pela presença da polícia militar, se ausenta na degradação inclusive da própria Praça da Juventude, pela falta de manutenção, bem como de praticamente todos os equipamentos sociais existentes na localidade.

Mesmo assim, o movimento na Praça ainda é intenso. Além das formas cotidianas de lazer, eventos semanais ainda acontecem, bem como a articulação política dos movimentos sociais e coletivos culturais locais. Demandas e necessidades sociais do bairro são discutidas reiteradamente como a de construção de uma nova escola de ensino médio¹⁷, cursos profissionalizantes para os jovens, uma pista de skate, urbanização da Lagoa da Itaperaoba, fomento aos esportes, trabalho e cursinhos pré-vestibular para o acesso à Universidade Pública¹⁸.

Alguns dos “sonhos” dos movimentos sociais atuantes na Praça é de terem sua própria sede, lançarem uma candidatura própria da juventude para 2016 (MH2O), fortalecerem internamente suas organizações com uma militância mais engajada, criarem uma Escola Popular, uma “cooperativa” de educadores militantes e um “museu da pessoa viva” para documentar a trajetória das lideranças locais. Para Simmel (2013), “o espaço que um grupo social preenche em algum sentido, como uma unidade que tanto quanto exprime e sustenta a unidade desse grupo é por ela sustentado” (p. 79).

¹⁷ Segundo as lideranças locais, a única escola de ensino médio não absorve a demanda do bairro. São 35.000 habitantes estimados pela Secretaria Regional IV, em 2015.

¹⁸ Recentemente, tem havido negociações dos movimentos sociais locais com a UECE para que sejam garantidas vagas nos cursos pré-vestibulares ofertados pela instituição.

“Por ser o que é sensorialmente mais visível, o lugar gera habitualmente para a lembrança, uma força associativa maior que o tempo. O lugar continua permanecendo o ponto de rotação, em torno do qual o lembrar enreda os indivíduos em relações recíprocas agora tornadas ideais” (SIMMEL, 2013, p. 87).

A praça se apresenta assim, como caixa de ressonância para a ação política demandante da democratização da dignidade humana, do respeito a direitos fundamentais¹⁹, do acesso a serviços públicos como a oferta de banda larga de internet ou a construção de uma pista de skate, da urbanização de uma lagoa a construção de um posto de saúde, de mais uma escola de ensino médio para a região à profissionalização das juventudes locais. Pautas bem concretas, defendidas por movimentos sociais que estão presentes na localidade há pelo menos duas décadas e que tentam construir diuturnamente, um lugar de locução das forças constituintes de um poder local que produz enraizamento por meio de alianças que abrangem vários espaços do bairro da Serrinha.

Para Simmel (2013), o necessário envolvimento espacial de todas as constelações corre o risco de ser confundido com as causas positivamente efetivas da espacialidade. Ou seja, não é o espaço o fato gerador - a Praça como lugar do acontecimento - mas, as figurações especiais das coisas, ou seja, os processos que só tinham como se realizar em condições espaciais bem específicas. “O espaço em geral é apenas uma atividade da alma” (p.76). O importante são as qualidades fundamentais da forma espacial, com as quais as figurações da vida comunitária contam. São os “conteúdos anímicos” produtores das “sociações”. A singularidade do espaço se dá pela “zona de significado e efetividade” que não termina na sua fronteira geográfica, mas se espalha por outros territórios.

A praça como espaço comunicativo e ambiente situacional expressivo (FREHSE, 2007), é cenário de inúmeros jogos rituais, com engajamentos próximos, onde a interação duradoura, permanente é a garantia de sucesso de eventos-acontecimento já tradicionais para os grupos em contato. É paisagem produtora de uma “ordem pública” que para GOFFMANN (2010), assume o estatuto explicativo de condicionante físico de modos de comunicação na interação face a face. Os “idiomas corporais” integrados à Praça, tanto nas posições, como nos movimentos dos indivíduos pertencentes aos ajuntamentos existentes constroem “convenções espaciais”, desencadeadas por processos informais de cunho conversacional. Os corpos dos indivíduos, portanto, não são apenas instrumentos físicos, mas comunicativos de enunciados que dão o sentido da ação coletiva.

¹⁹ Como o direito à vida, contra o extermínio da população jovem negra e periférica.

A praça como espaço político do desdobrar da rede de relações comprometidas com um horizonte comum, cena de aparições de atores envolvidos com um duradouro trabalho social com as juventudes locais, onde a defesa da diversidade cultural dos modos de vida, não se confunde com a aceitação das desigualdades sócio-econômicas. Onde o lugar de fala, a Praça de uma periferia estigmatizada socialmente e abandonada pelo poder público, se projeta como marco referencial de histórias construtoras de uma “comunidade de destino”, de uma experiência de vida refletida e sofrida na alteridade. “A proximidade ou a distância, a exclusividade ou a multiplicidade que a relação do grupo apresenta em relação a seu chão e sua terra, muitas vezes são a raiz e o símbolo da estrutura desse mesmo grupo” (SIMMEL, 2013, p. 79).

A praça seria então, uma espécie de “moldura, um limite definido de uma formação social” (SIMMEL, 2013, p. 79), “um espaço existencial, uma unidade interativa, onde há deslocamentos, ampliações, contrações, fusões”. As fronteiras políticas dessa espacialidade seriam extensivas, ou seja, as forças de tensão dos grupos aí atuantes potencializariam uma expansão dinâmica da ação político-cultural para os demais espaços do bairro da Serrinha e para outras periferias.

2. A Caravana da Periferia: contra a criminalização da juventude negra e pobre

O Mapa da Violência de 2015²⁰ aponta para um crescimento exponencial de jovens da periferia mortos vítimas de homicídios. A maioria é de negros, pobres, do gênero masculino entre 14 e 29 anos e moradores de bairros periféricos e favelas. Uma das “táticas” de visibilização das ações da Caravana da Periferia é a “marcha”, uma forma de cortejo pelas ruas/avenidas do bairro ou da cidade, ocorrendo simultaneamente em vários lugares, a fim de reunir ativistas de várias organizações, para difundir performaticamente as pautas recorrentes da organização. Há também outras “táticas” de articulação e mobilização política, como a criação do Movimento “Ocupe UECE” (ocupação sistemática de quadras esportivas, “Praça da Rotatória” e biblioteca da Universidade Estadual do Ceará), saraus e festivais do Movimento “Ensaio Rock”.

Em 2015, a “Caravana da Periferia” deixou de se organizar por núcleos no bairro da Serrinha, Barroso e Água Fria, reconfigurando-se como uma “frente de movimentos” (MTST,

²⁰ <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>

Unidade Classista, RUA e Ensaio Rock). Embora, participantes declarem que falta “organicidade”, há discussão permanente em torno de diversas “plataformas”, incluindo “campanhas” de denúncia e ações pontuais de visibilidade pública, como marchas, cortejos, audiências públicas e cursos de formação política.

Um eixo importante do trabalho da Caravana da Periferia na Praça da Cruz Grande na Serrinha é a organização de festivais do Movimento Ensaio Rock, nos sábados à noite. A produção de uma rede roqueira nas periferias da cidade é um dos objetivos do Movimento. Bandas de variados estilos (pop, punk, metal, grunge, indie, progressivo, hard rock)²¹, oriundas de diversos bairros se encontram para a confraternização das periferias e para divulgação de trabalho autoral²².

“Na periferia, o rock vem cada vez mais se afirmando como instrumento de mobilização da juventude. Para além de um gênero musical o rock vem gestando ações, iniciativas, comportamentos, rebeldias, estéticas, modos de pensar e movimentos. Conhecer e divulgar esse rico processo cultural é não somente divulgar um ‘som’, mas um grito que estremece de forma positiva a vida da juventude dos bairros pobres de Fortaleza.” (integrante do Movimento Cultural Ensaio Rock).

Toda sexta à noite na “Praça da Rotatória” na UECE, próxima à Praça da Cruz Grande na Serrinha há o sorteio das bandas que irão se apresentar em cada edição do festival do Movimento Ensaio Rock. Há também contribuição de dinheiro de cada banda para o pagamento do aluguel da bateria e do som utilizados no evento. Cada banda traz seus instrumentos de corda e também “seguidores” fiéis, amigos, parentes e namoradas. O público feminino se mantém mais como espectador, embora haja algumas vocalistas pertencentes às bandas. Os vários estilos de rock convergem e as indumentárias marcam a distinção entre as várias “tribos” (metaleiros, punks, alternativos).

Antes o Ensaio Rock acontecia em um local aqui perto, conhecido como capelinha, ate que viemos ocupar a Praça da Cruz Grande. Além do ensaio, temos um sarau que acontece todo final de mês, com espaço aberto para todos os estilos musicais, citação de poesias, tem a participação da criançada e uma mobilização grande do bairro (integrante do Movimento Ensaio Rock).

Sem apoios financeiros e institucionais, segmentos de juventude do bairro da Serrinha, constroem cotidianamente, de forma renitente, uma espacialização da sua expressão cultural criativa, às vezes de forma improvisada e artesanal, mas com eficácia simbólica considerável, tendo em vista o crescimento de bandas participantes, do público espectador e

²¹ Algumas bandas que já se apresentaram nos festivais do Movimento Ensaio Rock: Cascabula, Theoria, Reticência, Cerveza, Peste HC, Rock 14, Os malditos Remanis, The people zone, Joe, D Rudes, In the Dark, Black Elephant, Lavage, Murders, Jujuba e os insetos, Espalhadrapus e Orgasmo Suicida.

²² Bairros participantes dos eventos festivos na Praça: Barroso, Planalto Pici, Planalto Ayrton Senna, Parque Água Fria, Demócrito Rocha, Antônio Bezerra, Vila Velha, Bom Sucesso, Conjunto Alvorada e Dendê.

do número de edições de saraus e festivais de rock realizados. Além da projeção na mídia local e a aproximação com diversos coletivos culturais e movimentos sociais.

O Ensaio Rock é um movimento cultural e político. Fazemos rodas de conversa, nos preocupamos com as bandas do cenário alternativo, temos o Larica's Bar, que é uma forma de arrecadar uma renda para o movimento que é da periferia e tem legitimidade para atuar no bairro. Nós temos causas, lutamos pela nossa juventude e temos um lado, existe uma disputa de narrativas que é óbvia na nossa cidade e o que nós queremos é mostrar para essa galera daqui da Serrinha e de outros bairros que existem outras possibilidades, inclusive na música (integrante do Movimento Ensaio Rock).

Seguindo a trilha de GOFFMAN (2012), o corpo torna-se instrumento fundamental para a comunicação e busca o encaixe em um ethos presente na situação compartilhada pelos atores sociais pertencentes a determinado ajuntamento, onde regras sociais são produzidas, formando códigos morais, práticas interativas e uma ordem pública. Cada evento, cada situação possui esse ethos, “uma estrutura emocional própria” (pág.29) que é criada e reproduzida pelos indivíduos que as realizam.

Para Goffman (2010), o espaço físico tem o papel de signo, lugar onde se desenrolaria a cena dramática da vida cotidiana. A praça seria o cenário onde atores sociais criariam seus padrões de “fachada”, um palco onde em co-presença física, indivíduos interpretariam papéis relevantes para as interações necessárias à manutenção de ajuntamentos de ativistas, nos eventos e demais tempos de congregação. A “alocação da posição espacial” dos indivíduos é o que vai dar o direcionamento ao espaço interacional. Essa “abordagem dramatúrgica”, pautada na noção de “territorialidade das relações interpessoais”, para a apreensão “psicocultural” das relações espaciais, se revela especialmente produtiva para compreender os laços entre sujeitos que mantém performances duradouras em determinada cena, como é o caso dos ativistas da Praça da Cruz Grande/Juventude na Serrinha.

Considerações Finais

A crítica sistemática à retração do Estado em relação à área e o discurso da desintegração do espaço público, em razão da violência difusa e do medo de andar nas ruas, becos e vielas do bairro, fez com que houvesse um investimento discursivo e ativo depois da reforma da sua estrutura e inauguração da Praça da Juventude em 2012, antes Praça da Cruz Grande. Wacquant (2008), fala do aparecimento desse “hipergueto” nas metrópoles contemporâneas, com fortes tendências de “despacificação do cotidiano evidenciada em taxas

excessivas de violência pessoal, desdiferenciação social que conduz à desertificação organizacional e a informalização da economia” (p. 11).

A vida que não merece viver, ou seja o “homo sacer” (AGAMBEN, 2012), é aquela que pode ser aniquilada sem possibilidade de resistência. Quem é indigno de viver? Principalmente, os “inimigos públicos”, ou seja, aqueles que exacerbam o limite da diferença: jovens negros moradores das periferias. A decisão sobre o valor da vida paira assim, de modo ambíguo, sobre o valor de cada indivíduo de acordo com as classificações sociais.

A criação de alternativas organizacionais e a produção de uma certa autonomia cultural, buscam demarcar socialmente, o lugar de identidades que se rebelam contra as categorizações sociais hegemônicas das juventudes como sujeitos ameaçadores da ordem social. O bairro periférico como “zona de guerra” das violências cotidianas é a imagem produzida historicamente pelas mídias em geral, refletindo a redução cognitiva sobre a dinâmica espacial. A luta interna entre gangues da década de 1990 e as mortes violentas continuadas de jovens pelo tráfico, pelo sistema de vinganças pessoais e por policiais, ocupam os noticiários e o imaginário social. Nesse sentido, se tem a emergência dos sujeitos assujeitados historicamente, mas que por processos de objetivação e subjetivação, constroem discursos, regimes de verdade e relações de poder que validam suas posições de produtores culturais e de ativistas políticos, em um processo de individuação social (Foucault, 2004).

Nesse sentido essa “reivindicação protopolítica de dignidade” (WACQUANT, 2008, p. 29), visa não só fundar o espaço público da palavra e da vida ativa, mas, se contrapor à ação, omissão e discursos considerados abusivos. A “cultura do terror” (WACQUANT, 2008), disseminada tanto pelos traficantes de varejo quanto pelo aparato policial presente na área, limitam a ação dos ativismos políticos e o processo integrativo da vida na Praça, principalmente nos eventos críticos de guerra entre as facções rivais e a perseguição policial para aprisionamento ou a remoção dos corpos dos que sucumbiram.

A militarização da questão urbana (SOUZA, 2008), produz a sensação de violência difusa e promove não só a estigmatização socioespacial, mas a produção de espaços anêmicos, gerando escassez de espaço público e vida civil. A criação de “fobópoles” estreita a vida nas ruas e praças, enraizando o privatismo social. Ainda que nos bairros periféricos vejamos costumeiramente pessoas sentadas nas calçadas, o sentimento de insegurança se faz sentir. Nesse sentido tem-se o debate do direito à cidade segundo LEVEBVRE (2001), quando se tem a necessidade de uma atividade criadora para a cidade, necessidade de

informação, simbolismo, imaginário, atividades lúdicas, de se ter na cidade e na vida urbana expressões de novos horizontes, ou seja, possibilidades de construção de novas narrativas e condições materiais de existência.

A negação das mortes física e social expressa publicamente nos enunciados construídos contextualmente em cada ação, visa enfrentar o processo de “descivilização” (ELIAS, 1994), dos jovens colhidos pela violência, buscando reformular simbolicamente, o estatuto cidadão dos ditos “marginais”, “delinquentes”, “facínoras”, “bandidos”. Afirma, não só a vitimização dos jovens como constrói um discurso de valorização de seus estilos de vida, dos gostos, das formas de comunicação, ou seja, de um ethos jovem da periferia, mesmo elaborando a crítica sobre a sociedade do consumo expressa nos rolezinhos aos shoppings e à falta de interesse pela política como forma de linguagem mobilizadora. A “cultura” aparece aí como motor dos processos de identificação mútua e de estabelecimento do laço social. A possibilidade de “salvar” o jovem da teia do crime e da violência seria uma das frentes desse processo de racionalização da conduta para a fundação do espaço público e da vida associativa. Aqui, tem-se o sentido de comunidade, da vida ativa e a revelação do agente no discurso da ação, segundo ARENDT (2001), bem como as relações de poder, na vida social e política.

Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **A promessa da política**. Organização e introdução de Jerome Kohn. Tradução de Pedro Jorgensen Jr. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo**. *Novos Estudos* 94, novembro/2012.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer**. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ, vozes, 1994.

FELTRAN, Gabriel. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FORTUNA, C. Destradicionalização e imagem da cidade. **Cidade, Cultura e Globalização**. Ensaio de sociologia, Oeiras, Celta, 1997.

FORTUNA, C. et al. Espaço público e cultura em Portugal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 1999a.

FORTUNA, C. Identidades, Percursos, Paisagens Culturais. **Estudos sociológicos de cultura urbana**. Ensaios de Sociologia, Oeiras, Celta, 1999b.

FREHSE, Fraya. Erving Goffman: sociólogo do espaço. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 68, 2007.

FRÚGOLI JR., Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 48, n.1, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ra/v48n1/a04v48n1.pdf>

GOFFMAN, Erving. **Comportamentos em Lugares Públicos**. Notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Petrópolis, Vozes, 2010.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**. A gramática moral dos conflitos sociais. Trad. Luiz Repa. São Paulo, Edit. 34, 2003.

HOLSTON, J. Espaço de Cidadania Insurgente. **Revista do Patrimônio** n. 24. IPHAN. Brasília, 1996.

HOLSTON, James. **Cidadania insurgente**: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil. Tradução Cláudio Carina. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LANDIM, Leilah. Violência e organizações civis na periferia do Rio de Janeiro: novas cartografias? IN CUNHA, Neiva Vieira da & FELTRAN, Gabriel de Santis (orgs.). **Sobre periferias**: novos conflitos no Brasil contemporâneo. 1ª. Edição. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

MAGNANI, José Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>.

MOUFFE, Chantal. **O paradoxo da democracia**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.

_____. **Prácticas artísticas y democracia agonística**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2007.

_____. **O regresso do político**. Gradiva: Lisboa, 1996.

PROENÇA, Rogério Leite. **Espaço Público e Política dos Lugares**. Tese doutorado. Unicamp, Campinas, 2001.

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo, Editora 34, 1996.

_____. **A Partilha do Sensível**. Estética e Política. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo, Editora 34, EXO experimental.org, 2005.

_____. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **Movimentos urbanos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público**. As Tirantias da Intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Trad. De Marcos Aarão Reis. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

SIMMEL, Georg. Sociologia do Espaço. São Paulo: **Revista Estudos Avançados**, USP, v. 27, no. 79, 2013.

_____. A metrópole e a vida do espírito. In: VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1987.

_____. O estrangeiro. In: MORAIS FILHO, Evaristo de (org.). **SIMMEL**. São Paulo: Ática, 1983.

WACQUANT, Löic. **Os condenados da cidade**. Rio de Janeiro: REVAN, 2007a.

_____. **Punir os pobres**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: REVAN, 2007b.

_____. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.